

# Índice

Prefácio .....	7
Como Robin dos Bosques se tornou fora da lei .....	11
Robin dos Bosques e o Latoeiro .....	31
O torneio de tiro ao arco de Nottingham.....	51
Will Stutely é salvo pelos companheiros .....	69
Robin dos Bosques torna-se talhante.....	85
João Pequeno vai à feira de Nottingham.....	103
Como João Pequeno viveu com o Xerife .....	115
João Pequeno e o Curtidor de Blyth.....	133
Robin dos Bosques e Will Escarlata .....	149
A aventura com o Anão, o filho do moleiro .....	163
Robin dos Bosques e Allan de Dale.....	185
Robin dos Bosques procura o frade de sotaina curta.....	205
Robin dos Bosques organiza um casamento.....	227
Robin dos Bosques ajuda um cavaleiro infeliz .....	245
Como <i>sir</i> Richard de Lea pagou as suas dívidas.....	269
João Pequeno faz-se frade de pé descalço .....	293
Robin dos Bosques faz-se pedinte .....	315
Robin dos Bosques participa em torneio pela rainha Leonor.....	343

A perseguição a Robin dos Bosques .....	373
Robin dos Bosques e Guy de Gisbourne.....	401
O rei Ricardo vem à floresta de Sherwood.....	429
Epílogo.....	455

# Prefácio

## Do Autor para o Leitor

A ti que labutas e te estafas com assuntos sérios, a ponto de sentires vergonha quando te entregas, mesmo que por breves instantes, ao regozijo e à alegria na Terra da Fantasia; tu que pensas que a vida nada tem que ver com o riso inocente que a ninguém faz mal; estas páginas não são para ti. Fecha-as imediatamente e não avances mais: digo-te com franqueza que, se deres mais um passo, ficarás escandalizado ao ver gente boa e sensata, em histórias reais e verídicas, folgazona e ataviada de múltiplas e garridas cores, a ponto de que, não fossem os nomes, nem sequer as reconhecerias. Há um sujeito corpulento e enérgico de feitio irascível, e nenhum outro será tão vil, que responde pelo nome de Henrique II. Além temos uma bela e gentil dama diante da qual todos se curvam, e que chamam de rainha Leonor. Depois há um malandro anafado, de vestes ricas do tipo clerical, que toda a boa gente chama de senhor Bispo de Hereford. E há ainda um certo fulano de mau feitio e olhar torpe — o venerando Xerife de Nottingham. E há também, acima de tudo, um indivíduo grandioso, alto e alegre

que deambula pela floresta verdejante e participa em jogos caseiros, sentado ao lado do Xerife em alegre festim, ostentando o nome do mais honrado dos Plantagenetas — Ricardo, *Coração de Leão*. A par destes, assistimos a toda uma hoste de cavaleiros, sacerdotes, nobres, burgueses, alabardeiros, pajens, damas, raparigas, senhores de terras, pedintes, bufarinheiros, e sabe-se lá que mais, todos a viver a mais galharda das vidas, e todos unidos apenas por meia dúzia de versos de certas baladas de antanho (cortadas e recortadas e novamente unidas vezes sem fim) que estes indivíduos jucundos vão entoando, cá e lá, sempre que bem lhes apraz.

Aqui ireis encontrar uma centena de lugares sóbrios e enfadonhos, todos engalanados de flores e quejandos, a ponto de ninguém os reconhecer nas suas extravagantes vestes. E eis um país que ostenta um nome bem conhecido, sem que as neblinas gélidas nos oprimam o espírito, e onde nenhuma chuva cai, exceto aquela que, como os aguaceiros de abril, escorre pelo dorso lustroso de um pato marreco; onde flores desabrocham o ano inteiro e o canto das aves não cessa; onde todos encontram semblantes felizes pelo caminho e a cerveja e o vinho (nunca chegando a perturbar os espíritos) correm como a água de um regato.

Esta terra não é a Terra Encantada. E que é então? É a Terra da Fantasia. E é daquele género aprazível que, quando nos cansamos — ala! — basta fechar as páginas deste livro e foi-se, estamos prontos para o quotidiano, sem que ninguém saia lesado.

E eis que levanto a cortina que pende entre o aqui e a Terra de Ninguém. Virás comigo, meu caro leitor? Obrigado. Dá-me a tua mão.

## Epílogo

**A**SSIM TERMINAM as aventuras de Robin dos Bosques. A verdade é que, apesar da sua promessa, passaram-se muitos anos até voltar a pôr os pés em Sherwood.

Passado um ou dois anos na corte, João Pequeno regressou a Nottinghamshire, onde viveu ordeiramente, embora sempre com Sherwood à vista, e onde alcançou grande fama como campeão do bordão de toda a Inglaterra. Decorrido algum tempo, Will Escarlata regressou à sua casa, de onde fora obrigado a partir devido à morte infeliz do intendente do pai. O resto do bando cumpriu devidamente o seu dever de guardas reais. Contudo, Robin dos Bosques e Allan de Dale tão depressa não regressaram a Sherwood, pois assim aconteceu:

Robin, pela sua grande fama como archeiro, tornou-se favorito do Rei, pelo que celeremente ascendeu na hierarquia e se tornou líder de todos os alabardeiros reais. Por fim, o Rei, vendo como era fiel e leal, concedeu-lhe o título de conde de Huntingdon. Robin acompanhou assim o Rei nas guerras e viu o seu tempo tão preenchido que não teve oportunidade de regressar a Sherwood nem por um só dia. Quanto a Allan

de Dale e sua esposa, a bela Ellen, acompanharam Robin dos Bosques e partilharam com ele todos os bons e maus momentos da vida.

E agora, meu caro amigo leitor que me acompanhou nesta jornada e por todas estas alegres aventuras, não te pedirei que me continues a acompanhar, libertando-te agora com um «muito bom dia», se assim o desejares. Os acontecimentos que agora se seguem contam o colapso das coisas e mostram como as alegrias e os prazeres mortos e enterrados nunca mais podem ser ressuscitados. Não vou delongar-me neste assunto, mas conto-lhe o mais rapidamente possível que aquele bravo indivíduo, Robin dos Bosques, morreu como viveu, não na corte como conde de Huntingdon, mas de arco na mão, o coração na floresta e como um verdadeiro alabardeiro.

O rei Ricardo pereceu no campo de batalha, de forma digna de um rei de coração de leão, como seguramente o leitor já sabe. Por conseguinte, passado algum tempo, o conde de Huntingdon — ou Robin dos Bosques, como ainda o chamamos desde tempos antigos —, não encontrando nada a que se colocar ao serviço lá fora, regressou à boa Inglaterra. Com ele vieram Allan de Dale e sua esposa, a bela Ellen, pois os dois se haviam tornado a sua família desde que ele havia partido da floresta de Sherwood.

Era primavera quando atracaram de novo nas costas de Inglaterra. As folhas verdejavam e os passarinhos cantavam alegremente, como já antes faziam na bela Sherwood quando Robin dos Bosques deambulava por entre as sombras da floresta de

coração livre e passada leve. Todo o encanto daquela época e a alegria de tudo em volta trouxe a Robin a memória da vida na floresta, pelo que se sentiu invadido de um grande desejo de voltar a ver. Dirigiu-se imediatamente ao rei João e solicitou-lhe licença para visitar Nottingham por uma breve temporada. O Rei deu-lhe licença para ir e voltar, mas pediu-lhe que não permanecesse mais do que três dias em Sherwood. Robin dos Bosques e Allan de Dale partiram assim imediatamente rumo a Nottinghamshire e à floresta de Sherwood.

Passaram a primeira noite em Nottingham, mas não foram prestar cumprimentos ao Xerife, pois sua senhoria nutria um amargo rancor contra Robin dos Bosques, rancor esse que não havia sido mitigado com a ascensão de Robin no mundo. No dia seguinte, de manhã bem cedo, montaram nos cavalos e seguiram para a floresta. À medida que avançavam pela estrada, Robin sentia que conhecia cada galho e cada pedra diante dos seus olhos. Lá adiante viu-se um trilho que tantas vezes percorrera nas noites amenas, com João Pequeno a seu lado. E ali estava outro, agora quase estrangulado de silvas, por onde ele e um pequeno grupo haviam caminhado em busca de um certo frade de sotaina curta.

Foram cavalgando devagarinho, conversando sobre aquelas coisas familiares e antigas. Antigas, mas ainda assim novas, pois viram nelas mais do que alguma vez haviam reparado anteriormente. Chegaram assim por fim à grande clareira e à ampla e frondosa árvore que fora sua casa durante tantos anos. Nenhum dos dois falou quando pararam sob aquela árvore.



Robin olhou em redor, para tudo o que tão bem conhecia, tão igual ao que havia sido e, no entanto, tão diferente. Onde antes reinava o bulício de muitos companheiros atarefados, havia agora o silêncio da solidão. Aos seus olhos, a floresta, o relvado e o céu fundiam-se e esborratavam-se num só sob as suas lágrimas salgadas, pois foi acometido de uma tal saudade diante de tais coisas (que conhecia tão bem como os dedos da mão direita) que não conseguiu reprimir a água que quis cair dos seus olhos.

Nessa manhã pusera a velha trombeta a tiracolo e agora, movido pela saudade, sentiu um grande desejo de a entoar uma vez mais. Levou-a aos lábios. Soprou uma vez. «Tralalá, lalá», as doces e nítidas notas voaram pelos meandros e trilhos da floresta, lançadas de volta em ténues ecos pelas sombras das árvores mais distantes, «tralalá, lalá, tralalá, lalá», até que se desvaneciam e se perdiam.

Deu-se o acaso de, nessa mesma manhã, João Pequeno ir a caminhar por um pequeno trilho da floresta com o fito de tratar de certos assuntos e, estava ele a andar em absorta meditação, quando lhe chegaram aos ouvidos as notas ténues e nítidas de uma trombeta. Como o salto do veado quando sente a seta no coração, também João Pequeno saltou quando o som distante lhe entrou pelo ouvido. Todo o sangue no corpo parecia acelerar-lhe como uma chama até às faces quando inclinou a cabeça à escuta. Uma vez mais se ouviu a trombeta, fina e clara, e depois outra vez. João Pequeno soltou um grito alto e louco de saudade, de alegria, mas também de tristeza

e, baixando a cabeça, penetrou na vegetação a toda a brida. Mergulhou sempre em frente, estalando e despedaçando tudo à passagem, como um javali selvagem a irromper pela vegetação rasteira. Pouco se importou com os espinhos e as sarças que lhe arranhavam a carne e lhe rasgavam a roupa, pois tudo em que pensava era chegar, o mais rapidamente possível, à clareira da floresta de onde, ele sabia, provinha o som da trombeta. Quando irrompeu, por fim, da vegetação e uma chuva de pequenos galhos partidos caiu em todo o seu redor, sem parar um momento só, desatou a correr e atirou-se aos pés de Robin. Agarrou então os joelhos do seu mestre com os braços e o seu corpo estremecia de grandes soluços. Nem Robin nem Allan de Dale conseguiram dizer palavra, pasmando de olhos postos em João Pequeno, as lágrimas a rolar-lhes pelo rosto abaixo.

Estavam eles ainda naqueles preparos quando sete guardas reais entraram a correr na clareira e soltaram um enorme clamor de alegria ao ver Robin. Na sua dianteira vinha Will Stutely. Um tempo depois, chegaram mais quatro, ofegantes de tanto correr, sendo que dois eram Will Scathelock e o Anão Moleiro. Todos haviam escutado o som da trombeta de Robin dos Bosques. Todos correram para Robin e beijaram-lhe as mãos e a roupa, chorando ruidosamente.

Momentos passados, Robin olhou à sua volta de olhos lavados pelas lágrimas e comunicou, com a voz embargada:

— Juro que nunca mais saio desta amada floresta. Estive demasiado tempo longe dela e de todos vós. Abandono assim o

nome Robert, conde de Huntingdon, e assumo de novo aquele outro título mais nobre, Robin dos Bosques, o Alabardeiro. — Um grande clamor ergueu-se pelo ar e todos os alabardeiros apertaram as mãos uns dos outros de pura alegria.

As novas de que Robin dos Bosques voltara a residir na floresta de Sherwood como noutros tempos espalharam-se como um fogo descontrolado por toda a região, pelo que uma semana depois quase todos os seus antigos alabardeiros se haviam reunido de novo à sua volta. Contudo, quando estas notícias chegaram aos seus ouvidos, o rei João praguejou, bem alto e do fundo do seu ser, e jurou solenemente que não descansaria até ter Robin dos Bosques em seu poder, morto ou vivo. Estava nesse momento presente na corte um certo cavaleiro, *sir* William Dale, o soldado mais elegante que alguma vez ostentou uma armadura. *Sir* William Dale conhecia bem a floresta de Sherwood, pois era superintendente das terras que ficavam próximas da cidade de Mansfield. O Rei dirigiu-se a ele e pediu-lhe que levasse um grupo de homens armados e que partisse imediatamente em busca de Robin dos Bosques. O Rei entregou igualmente a *sir* William o anel com o seu sinete real para que este o mostrasse ao Xerife, fazendo com que sua senhoria convocasse todos os seus guardas para auxiliar os outros na perseguição de Robin. *Sir* William e o Xerife partiram assim com o fito de cumprirem as ordens do Rei e procurar Robin dos Bosques. Durante sete dias o caçaram, mas não o encontraram.

Ora, fosse Robin dos Bosques tão pacífico como antigamente, tudo poderia ter sido apenas um acontecimento

efêmero, como fora o caso de tantas outras aventuras. Todavia, ele lutara durante muitos anos ao serviço do rei Ricardo e já não era o homem de antigamente. Fera-lhe o orgulho correr em fuga daqueles enviados para o perseguir, como uma raposa acossada foge dos cães de caça. Assim sendo, deu-se por fim a ocasião em que Robin dos Bosques e os seus homens se depararam com *sir* William, o Xerife e os seus homens na floresta, seguindo-se uma luta sangrenta. O primeiro homem abatido nessa luta foi o Xerife de Nottingham, pois caiu do cavalo com uma seta no crânio ainda nem meia vintena de setas haviam sido lançadas. Muitos homens de melhor índole do que o Xerife foram ao chão nesse dia, mas, por fim, *sir* William Dale, ferido e com a maioria dos seus homens mortos, recuou, vencido, e partiu da floresta. Deixou, no entanto, um sem-fim de homens bons para trás, os seus corpos rígidos estendidos entre os ternos e verdes ramos.

Apesar de Robin dos Bosques ter vencido os inimigos numa luta taco a taco, todos estes acontecimentos lhe pesavam na alma, pelo que foi cismando no assunto até ser tomado por uma febre. Acometeu-o durante três dias e, muito embora ele se esforçasse por a combater, foi por fim obrigado a render-se. Assim aconteceu que, na manhã do quarto dia, chamou João Pequeno à sua presença e disse-lhe que não se conseguia libertar da febre e que iria ao encontro da prima, a priora do convento perto de Kirklees, em Yorkshire, que era uma hábil curandeira, para que esta lhe abrisse uma veia no braço para lhe tirar um pouco de sangue e assim recuperar a saúde. Pediu

também a João Pequeno que se preparasse para partir, pois poderia precisar de ajuda na viagem. Robin e João Pequeno despediram-se assim dos outros e Robin dos Bosques pediu a Will Stutely que comandasse o bando até ao seu regresso. Foi assim que, em jornadas tranquilas e a passo lento acabaram por alcançar o Convento de Kirklees.

Robin muito havia ajudado esta prima, pois fora pelo seu apreço por Robin que o rei Ricardo a nomeara priora daquele convento. Contudo, não há nada no mundo que se esqueça tão facilmente como a gratidão. Por isso, quando a Priora de Kirklees ouviu dizer que o primo, o conde de Huntingdon, deitara fora o seu título e regressara a Sherwood, sentiu-se profundamente humilhada e temeu que o seu parentesco com ele pudesse fazer recair a ira do Rei também sobre ela. Aconteceu então que, quando Robin veio ao seu encontro e lhe manifestou o desejo de recorrer aos seus talentos de curandeira, no seu íntimo ela começou a tramar contra ele, pensando que, se lhe fizesse mal, talvez pudesse cair nos favores dos seus inimigos. Não obstante, calou estes pensamentos e recebeu Robin com aparente amabilidade. Conduziu-o pela escada de caracol em pedra até um quarto que ficava mesmo abaixo do beiral de uma torre alta e redonda. Mas não permitiu que João Pequeno o acompanhasse.

Por conseguinte, o pobre alabardeiro voltou as costas à porta do convento e deixou o mestre entregue aos cuidados das mulheres. Contudo, apesar de não ter podido entrar, a verdade é que também não se afastou. Instalou-se numa pequena

clareira próxima, de onde observava o edifício onde Robin estava hospedado, como um grande cão fiel a quem fecharam a porta depois de o seu dono entrar.

Depois de as mulheres levarem Robin dos Bosques para o quarto junto ao beiral, a Priora dispensou todas as restantes. Então, pegando num pequeno cordel, atou-o com força no braço de Robin, como se estivesse prestes a sangrá-lo. E é verdade que o fez, mas a veia que abriu não era daquelas azuis logo abaixo da pele. O seu corte foi mais fundo, pois abriu uma das veias onde corre o sangue vermelho-vivo que palpita do coração. Robin de nada se apercebeu. Apesar de ver que o sangue se derramava, não era rápido o suficiente para que pensasse que algo não estava correto.

Depois de cometer este ato tão vil, a Priora virou as costas e trancou a porta atrás de si. Ao longo de todo aquele dia o sangue escorreu do braço de Robin dos Bosques, sem que ele o pudesse estancar, apesar de ter de todos os modos tentado fazê-lo. Vezes sem conta chamou por ajuda, mas nenhuma chegou, pois a prima o traía e João Pequeno estava demasiado longe para ouvir a sua voz. Sangrou e sangrou até sentir que as forças se lhe escapavam. Levantou-se a cambalear e, mantendo-se em pé apoiando as palmas das mãos contra a parede, conseguiu alcançar finalmente a trombeta. Tocou três vezes, mas fraco e débil, pois o seu fôlego vacilava devido à doença e à falta de forças. Ainda assim, João Pequeno ouviu lá na clareira onde estava estendido, o coração cheio de terror, e saiu a correr e a trote em direção ao convento. Bateu ruidosamente à porta e,

muito alto, gritou que o deixassem entrar. Contudo, a porta era de carvalho maciço, tinha fortes barras de ferro e estava cravada de pregos, pelo que as irmãs se sentiam seguras e ordenaram a João Pequeno que se fosse embora.

O coração de João Pequeno foi então tomado de dor e receio pela vida do seu mestre. Olhou em redor como um louco e os seus olhos pousaram num pesado almofariz de pedra, daqueles que, hoje em dia, nem três homens juntos conseguiriam erguer. João Pequeno avançou três passos e, curvando as costas, levantou o almofariz de pedra de onde estava profundamente assente. Titubeando sob o peso, avançou e lançou-o com força contra a porta. Esta rebentou e as freiras, assustadas, puseram-se em fuga, guinchando ao vê-lo entrar. João Pequeno entrou então a passo determinado e, sem nunca dizer palavra, correu pela escadaria de pedra acima até chegar ao quarto onde estava Robin. Ali deparou-se igualmente com a porta trancada, mas, lançando-se de ombro contra a mesma, rebentou os trincos como se fossem feitos de gelo fino.

Encontrou então o amado mestre encostado à parede de pedra cinzenta, o rosto branco e abatido, a cabeça a baloiçar para um lado e para o outro, tal era a debilidade. Então, com um grande e louco grito de amor e dor e compaixão, João Pequeno saltou e apanhou Robin dos Bosques nos braços. Pegou-o ao colo como uma mãe pega no seu filho e, levando-o até à cama, aí o deitou ternamente.

Chegou entretanto a Priora em grande agitação, pois assustara-se com o que havia feito e temia a vingança de João

Pequeno e dos outros do bando. Estancou então o sangue com engenhosas ligaduras, pelo que deixou de escorrer. João Pequeno manteve-se sempre a seu lado, de olhar carrancudo. Quando ela terminou, João Pequeno pediu-lhe com ar severo que se fosse, ao que esta obedeceu, pálida e a tremer. Depois de ela sair, João Pequeno disse palavras de encorajamento, rindo-se ruidosamente e dizendo que tudo aquilo era um susto passageiro, e que bravo alabardeiro algum podia morrer por perder meia dúzia de gotas de sangue.

— Ora essa — projetou —, dá-lhe uma semana e já vais andar por essas florestas fora com o mesmo atrevimento de sempre.

Mas Robin abanou a cabeça e sorriu tenuemente de onde jazia deitado.

— Meu querido João Pequeno — sussurrou. — Os céus abençoem o teu coração rude e generoso. Mas a verdade, caro amigo, é que não voltaremos a deambular juntos pela floresta.

— Ora, mas claro que sim! — exclamou João Pequeno muito alto. — E volto a dizer, ora, para com isso, quem se atreve a dizer que te pode suceder mais algum mal? Não estou eu aqui contigo? Deixa-me lá ver quem se atreve a tocar... — neste instante, parou subitamente, pois engasgou-se com as próprias palavras. Disse então por fim, numa voz grave e embargada: — Se algum mal te acometer devido ao que hoje aqui aconteceu, juro por São Jorge que o galo vermelho vai cantar no telhado desta casa, pois chamas ardentes vão lam-ber todas as suas gretas e fendas. Quanto a estas mulheres



— e aqui rangeu os dentes — ... será um dia de que se irão arrepender!

Robin dos Bosques tomou o punho áspero e bronzeado de João Pequeno nas suas mãos brancas e ralhou-lhe com brandura na sua voz baixa e débil, perguntando-lhe desde quando passava pela ideia de João Pequeno fazer mal a mulheres, mesmo que por vingança. Assim falou até que, por fim, o outro prometeu, com a voz estrangulada, que nada faria para prejudicar aquele lugar, acontecesse o que acontecesse. Fez-se então silêncio e João Pequeno sentou-se com a mão de Robin dos Bosques na sua, olhando pela janela aberta, sentindo de quando em vez um grande nó na garganta. Entretanto o sol desceu lentamente a oeste, até o céu inteiro se incendiar gloriosamente em tons de vermelho. Robin dos Bosques, de voz débil e vacilante, pediu então a João Pequeno que o erguesse para que pudesse olhar uma vez mais para a floresta. O alabardeiro levantou-o em braços, como lhe fora pedido, e a cabeça de Robin dos Bosques pousou sobre o ombro do amigo. Mirou longamente, com um olhar amplo e demorado, enquanto o outro se mantinha de cabeça baixa, lágrimas quentes rolando-lhe sucessivamente dos olhos, escorrendo-lhe para o peito, pois sentiu que se aproximava o momento da despedida. Robin dos Bosques pediu-lhe então que lhe preparasse o seu arco e que escolhesse uma seta macia da sua aljava. João Pequeno assim fez, mas sem perturbar o seu mestre, nem sequer se levantar. Os dedos de Robin dos Bosques envolveram amorosamente o seu bom arco e ele sorriu debilmente quando o

agarrou. Enfiou então a seta na parte da corda que as pontas dos seus dedos tão bem conheciam.

— João Pequeno — confessou —, João Pequeno, meu grande e caro amigo, o meu amor por ti é maior do que por qualquer outro no mundo, rogo-te que assinales o local onde esta seta se alojar, pois aí quero ser sepultado. Deita-me com o rosto voltado a oriente, João Pequeno, e trata de garantir que o meu lugar de repouso se mantém sempre verde e que ninguém perturba os meus ossos cansados.

Terminando de falar, levantou-se subitamente e sentou-se direito. Parecia que a sua antiga força lhe regressara ao corpo e, puxando a corda até à orelha, lançou a seta pela janela aberta. Quando a flecha saiu a voar, a sua mão baixou lentamente com o arco, até pousar nos joelhos, enquanto o seu corpo também voltava a mergulhar nos braços amorosos de João Pequeno. A verdade é que algo se lançara para fora daquele corpo, do mesmo modo que a seta alada se lançara do arco.

Durante alguns minutos, João Pequeno ficou ali sentado, imóvel, mas a seguir pousou suavemente aquele que segurava nos braços e depois, cruzando-lhe as mãos sobre o peito e cobrindo-lhe o rosto, voltou as costas e saiu do quarto sem uma palavra ou um som.

Na escadaria íngreme deu com a Priora e uma das irmãs superiores. Falou-lhes numa voz grave e trémula, avisando:

— Se se aproximarem a menos de vinte passos daquele quarto, deito abaixo esta espelunca sobre as vossas cabeças até que não fique pedra sobre pedra. Ouçam bem o que vos

digo, pois estou a falar a sério. — Voltou-se e deixou-as a vê-lo correr celeremente pela clareira fora, por entre o lusco-fusco, até que foi engolido pela floresta.

O cinzento da aurora começara apenas a clarear o negrume do céu a este quando João Pequeno e mais seis homens do bando atravessaram rapidamente a clareira em direção ao convento. Não viram ninguém, pois as irmãs estavam todas escondidas, assustadas com as palavras de João Pequeno. Correram escada acima e ouviu-se um grande clamor de choro. Cessou o choro passado algum tempo, ao que se ouviu o som de pés a arrastar e a bater enquanto carregavam o peso pelas escadas íngremes em caracol. Saíram do convento e, ao passar pelas portas, um grande pranto irrompeu na clareira, naquele momento ainda sob a penumbra do nascer do dia, como se muitos homens, escondidos nas sombras, tivessem erguido as suas vozes de dor.

Assim morreu Robin dos Bosques, no Convento de Kirklees, na bela Yorkshire, com o coração pleno de misericórdia por aqueles que o haviam desgraçado. Pois ele foi um homem misericordioso com os que erram e teve piedade dos fracos, ao longo de toda a sua vida.

Desde então, os seus alabardeiros dispersaram-se, mas não vieram a sofrer grandes males, pois o Xerife falecido foi sucedido por outro mais misericordioso e que não os conhecia tão bem. Espalhados por toda a região, uns aqui outros ali, seguiram as suas vidas em paz e sossego, a ponto de alguns terem vivido o suficiente para contar estas histórias aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos.

Há quem diga que, numa das pedras de Kirklees, se encontra uma velha inscrição. Aqui a transcrevo:

SOB ESTA PEQUENA PEDRA JAZ ROBERT, CONDE DE HUNTINGTON NUNCA MELHOR ARCHEIRO EXISTIU CHAMAVAM-LHE ROBIN DOS BOSQUES JAMAIS A INGLATERRA VOLTARÁ A CONHECER HOMENS FORA DA LEI COMO ELE E O SEU BANDO. FALECEU A 24 DE DEZEMBRO DE 1247.

E agora, meu caro amigo, chegou a hora de também nós nos despedirmos, pois a nossa alegre jornada chegou ao fim e aqui, junto à sepultura de Robin dos Bosques, nos separamos, seguindo cada um o seu caminho.